

Antônio Neves e os "criminosos do teatro capixaba"

Antonio Carlos Neves, cineasta e diretor teatral, dá aqui seu depoimento sobre o movimento teatral capixaba, e denuncia a "politicagem e criminalidade existente nos meios artísticos de Vitória".

— Existem várias causas, vários problemas sérios, e um deles é que não há uma escola de teatro no Espírito Santo. Eu sou contra esse tipo de curso de uma semana, de um mês, de três meses. Eu acho que aí você tem uma platéia muito variada, que vai a um curso, mas não vai a outro, quer dizer, não tem um aprendizado global. É normalmente uma platéia que quer aumentar seu curriculum vitae apenas, mas que na prática não aproveita e nem utiliza aquilo. É impossível criar-se numa semana ou num mês um ator. Você tem que lapidar, vocês tem que trabalhar com o ator, ele tem que aos poucos pegar todo o mecanismo de criação de personagem e isso leva tempo. Você realmente não consegue isso com esses cursinhos esporádicos.

— Depois existe também o problema de que o teatro capixaba é um teatro de ocasião. Surge uma coisa como o I Encontro de Teatro, então todo mundo começa a preparar peças para montar. Apresenta e pronto. Para aí e acaba. Existe a Mostra da Ufes, o pessoal se junta, faz e

acaba. Não existe também uma consciência profissional, como não poderia haver, uma vez que não existem condições de realmente, se ter um teatro profissional no Espírito Santo. Então o teatro é feito por pessoas que gostam de teatro, pessoas que gostam de aparecer no palco, estrelas, pessoas que estão passando por processo de transformação, que não se ajustam a um determinado tipo de vida que estão vivendo, e procuram no teatro uma espécie de escapatória, um caminho.

Existem várias causas das pessoas trabalharem fazendo teatro no Espírito Santo. Mas a principal causa, que é você levar uma vida teatral, você criar realmente um grupo teatral com uma certa continuidade não existe. É um teatro de ocasião. Não se pode dizer que existe uma causa específica, que alguém seja culpado por isso. Não se pode culpar a Fundação, o Governo ou a Fecata. Eu acho que o problema vem das próprias pessoas, porque existe um certo distanciamento cultural do Espírito Santo para o

resto do País, apesar de tão perto do Rio de Janeiro, que faz com que as pessoas que têm uma ligação com as artes, no nosso caso, o teatro, muito abstrata. Porque não têm uma formação cultural e, principalmente teatral. É raro se encontrar hoje no Espírito Santo, um ator que tenha uma bagagem cultural em termos de teatro. Ele vai para o palco porque ele ou está muito entusiasmado e acha que tem condições de interpretar um papel, ou porque ele acredita que ele, com a sua própria figura, pode ofuscar todo o resto que existe em termos de teatro.

— Então, o necessário seria, é claro, a criação de uma escola de teatro, no Espírito Santo. Houve a tentativa do Teatro Estúdio, que por uma série de motivos políticos não foi prático, embora eu acredite que ele tenha formado uma série de bons atores aqui no Espírito Santo, e de certa forma, posteriormente iria tentar colocar na cabeça das pessoas que para se fazer teatro você não precisa do Teatro Carlos Gomes ou um Municipal. Você pode e principalmente deve fazer teatro nas praças. Há exemplos autênticos de teatro capixaba, baseados em tradições nossas. Mas o problema mais

sério é que não existe uma característica capixaba. Você pega Pernambuco, por exemplo, e vê que o teatro de lá tem uma identidade, eles têm uma cultura, uma tradição. O capixaba não tem isso. Ele pertence ou à Bahia, a Minas ou ao Rio de Janeiro. Ele não tem identidade. As únicas tentativas nesse sentido foram "A Sereia de Mealpe" e "Queimados". "Queimados" foi um trabalho que não foi para frente por uma série de motivos políticos.

— O Teatro Estúdio deveria ser uma escola de teatro, de acordo com o plano que apresentei a Beatriz Abaurre, que era presidente da Fundação, e ela concordou. O local foi escolhido no décimo andar do Ed. das Fundações, e o objetivo daquele local era justamente criar uma escola de teatro, e não uma casa de espetáculos. E foi tudo bem, tudo estava funcionando precariamente, mas bem. Até que um dia, chegaram para mim e disseram que o Governador queria inaugurar o Teatro Estúdio e a Galeria Homero Massena. Em 17 dias o Teatro Estúdio foi montado e instalado e inaugurado. Quatro dias depois da inauguração a escola foi fechada. Foi fechada por pressão de



denúncias de jornalistas, que na verdade estavam querendo tomar conta do Teatro Estúdio. Algumas pessoas que não estavam ligadas ao teatro, mas que agiam nos bastidores do teatro estavam interessadas em modificar o sistema do Teatro Estúdio.

A SAGA DE "QUEIMADOS"

— Sempre foi um sonho do Grupo Geração montar um espetáculo, tipo "Arena Conta Zumbi", sobre Queimados. Naquela época, Luiz Guilherme Santos Neves estava pesquisando para nós o assunto, e Milson Henriques estava também trabalhando conosco. Nesse interim, fui à Europa fazer um curso de cinema e teatro, e quando eu voltei, falei com Milson que estava com vontade de reiniciar o trabalho de Queimados. Então en-

trei em contato com o Luiz Guilherme Santos Neves, e ele reiniciou o seu trabalho nesse sentido. Seis meses depois, me aparece nos jornais a notícia de que o Milson e o Amylton de Almeida iriam montar um espetáculo baseado em Queimados. Isso me deixou muito chateado. Não por parte do Amylton, porque ele seria realmente capaz desse tipo de coisa. Mas Milson, que sabia de todos os nossos planos, sabia que era uma idéia nossa que já estava sendo trabalhada, de repente dá uma notícia dessas, participa de uma coisa dessas. Isso me deixou realmente chateado.

— O problema todo de "Queimados" em termos de política, e que o José Costa na época era diretor da Fundação Cultural e deu verbalmente a esses dois elementos a promessa de que iria oferecer

condições para a montagem do espetáculo. Não sei porque, a Beatriz Abaurre assumiu esse compromisso verbal, afirmando que era um desejo da gestão anterior, e que ela teria que moralmente cumprir esse acordo, embora fosse um acordo verbal de uma diretora para alguns elementos. Isso sendo que no Espírito Santo é conhecido que cada gestão tem seus próprios planos. Mas eu não discuto isso porque se ela fez isso, foi um problema dela, e eu sempre respeitei a Beatriz, que é uma pessoa realmente interessadíssima nas artes do Espírito Santo.

— Mas eu fui à Beatriz e expliquei o caso. De que a prioridade era nossa, de que o livro de José Guilherme já estava publicado, de que não iríamos abrir mão do nosso projeto, e que nós íamos realmente montar o nosso es-

petáculo. Ela entrou em contato com Luiz Guilherme e solicitou uma espécie de adiamento, um prazo até setembro daquele ano. Se eles não montassem o espetáculo até o fim do prazo, nós estaríamos liberados para montar o nosso espetáculo. Luiz Guilherme aceitou esse acordo, e esperaríamos até setembro. Mas então surgiram vários problemas, entre eles o do Teatro Estúdio que já citel, e eu perdi contato com grande número de elementos. No final eu já estava completamente desgostoso com o assunto de Queimados, já não me interessava mais.

Eu então montei "O Santo e a Porca", que foi um espetáculo bom, mas fugiu àquela idéia de montar um espetáculo com raízes locais. Fazer um espetáculo local.